



Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

PROGNÓSTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA PARA 1987 NO CENTRO-SUL E RONDÔNIA (REGIÕES SUL, SUDESTE, CENTRO-OESTE E NORTE)

NOTA PREVIA

Como esclarecimento aos usuários de dados e informações da FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, torna-se oportuno informar que o Decreto nº 68.678, de 25 de maio de 1971, criou no IBGE a Comissão Especial de Planejamento, Controle e Avaliação das Estatísticas Agropecuárias - CEPAGRO - que, de acordo com o artigo 4º do citado decreto, é constituída de 7 (sete) membros, sendo 4 (quatro) da Fundação IBGE e 3 (três) do Ministério da Agricultura. É presidida por um dos representantes da Fundação IBGE.

Cumprindo o que estabelece o artigo 2º do decreto enunciado, a CEPAGRO aprovou em março de 1972 o Plano Único de Estatísticas Agropecuárias consideradas essenciais ao planejamento sócio-econômico do País e à Segurança Nacional, constante de Programas e Projetos Específicos em execução.

Estabelece o decreto (§ 1º do art. 2º) que o Plano Único, bem como as deliberações da CEPAGRO sobre estatísticas agropecuárias, tornar-se-ão compulsórios para os órgãos da Administração Federal, direta e indireta e para as entidades a ela vinculadas.

Face à necessidade de prover os consumidores de informações sobre estatísticas agrícolas, de dados mais atualizados sobre os produtos agrícolas prioritários, de modo a permitir o acompanhamento "pari-passu" das respectivas safras e fornecer, ao final de cada ano civil, as estimativas de colheita destes produtos a nível nacional, bem assim, posteriormente, procurando atender aos termos do Decreto nº 74.084 de 20 de maio de 1974 que estabeleceu o Plano Geral de Informações Estatísticas e Geográficas do IBGE, foi implantado em 1973 o LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA - pesquisa mensal de previsão e acompanhamento das safras agrícolas no ano civil, projeto este pertencente ao Programa de Aperfeiçoamento das Estatísticas Agropecuárias Contínuas, do Plano Único.

A coordenação técnica e a execução dos trabalhos relativos ao LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA são da responsabilidade do IBGE, sendo realizadas a nível nacional pelo Departamento de Estatísticas Contínuas Agropecuárias e a nível estadual pelas Delegacias de Estatísticas.

Nas Unidades da Federação, as atividades de levantamento, controle e avaliação das estatísticas agropecuárias são exercidas pelos Grupos de Coordenação de Estatísticas Agropecuárias, criados pela Resolução COD/352/73 de 13-04-73, pre

sididos e coordenados tecnicamente pelas Delegacias de Estatísticas do IBGE, dos quais participam representantes do Ministério da Agricultura, Banco do Brasil, EMATER, CEPA, CFP, Secretarias Estaduais de Agricultura e de Planejamento, e outros órgãos ligados direta ou indiretamente ao planejamento, experimentação, estatística, assistência, fomento, extensão e crédito agrícolas, bem assim, à comercialização e industrialização de produtos e insumos agrícolas, quer da área pública, como privada.

Para a melhor consecução de seus objetivos e atendendo ao disposto no Regulamento Interno, os GCEAs vêm instalando em cada Unidade da Federação os seguintes organismos:

- a) Comissões Técnicas Especializadas (COTE) por produto agrícola ou grupos de produtos afins, para o estudo e assessoramento técnico especializado permanente de assuntos específicos de interesse do GCEA;
- b) Comissões Regionais de Estatísticas Agropecuárias (COREA) — instaladas em cada município sede de Agência de Coleta do IBGE, com jurisdição nos municípios que a compõem, coordenada pelo Chefe da Agência de Coleta e composta por representações locais de órgãos públicos (federais, estaduais e regionais) e entidades privadas do setor agropecuário, contando, no momento, com um total de 531 colegiados;
- c) Comissões Municipais de Estatísticas Agropecuárias (COMEA) — instaladas nos demais municípios de cada Unidade da Federação, coordenadas de preferência por representante local de órgão que participe do GCEA e composta de representações semelhantes às formadas nas Comissões Regionais, mas que tenham atuação no município respectivo, já somando um montante de 1 365 grupamentos, espalhados por todo o País.

APRESENTAÇÃO

A FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE —, por intermédio da Comissão Especial de Planejamento, Controle e Avaliação das Estatísticas Agropecuárias — CEPAGRO —, divulga os resultados dos levantamentos realizados durante o mês de outubro de 1986, objetivando estabelecer um prognóstico da produção agrícola para 1987, no Centro-Sul e em Rondônia (Regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Rondônia), por meio da pesquisa *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola*, que é de responsabilidade do Departamento de Estatísticas Contínuas Agropecuárias (DEECA).

Foram pesquisadas as 13 culturas mais expressivas no contexto da representatividade global da economia do Centro-Sul e Rondônia.

Os produtos são os seguintes:

1. Algodão herbáceo (em caroço)
2. Amendoim (em casca) 1ª safra
3. Arroz (em casca)
4. Batata-inglesa -- 1ª safra
5. Cana-de-açúcar
6. Cebola
7. Feijão (em grão) 1ª safra
8. Fumo (em folha)
9. Mamona
10. Mandioca
11. Milho (em grão)
12. Soja (em grão)
13. Tomate

Os dados são apresentados por meio de tabelas, por produto agrícola, a nível de grandes regiões e unidades da federação, contendo informações sobre as áreas colhidas ou a colher na safra 86, bem como as plantadas ou a plantar e as destinadas à colheita para a safra-87.

Em seguida às tabelas, são feitas considerações a respeito de cada produto, abordando os fatores responsáveis pelas possíveis flutuações nas áreas de cultivo, em relatório sucinto, mas esclarecedor das tendências observadas.

SUMÁRIO

Nota prévia	I
Apresentação	II
Tabelas	
Área plantada em Rondônia e Centro-sul	
Confronto das safras de 1986 e 1987	2
Área em Rondônia e Centro-sul	
Confronto das safras de 1986 e 1987	3

Produtos (Grandes Regiões e Unidades da Federação)	Tabelas de Resultados	Relatório de Ocorrências
Algodão herbáceo	4	17
Amendoim - 1. ^a safra	5	18
Arroz	6	19
Batata-inglesa - 1. ^a safra	7	21
Cana-de-açúcar	8	22
Cebola	9	-
Cevada	-	23
Feijão - 1. ^a safra	10	24
Fumo	11	25
Mamona	12	26
Mandioca	13	26
Milho	14	27
Soja	15	29
Tomate	16	30

CONVENÇÃO

- quando, pela natureza do fenômeno,
não puder existir o dado.

TABELAS DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS
BRASIL E
UNIDADES DA FEDERAÇÃO

ÁREA PLANTADA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS 1986 E 1987

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA PLANTADA (ha)		
	Safra de 1986	Safra de 1987	Variação (%)
Algodão herbáceo (em caroço)	1 058 872	937 476	-11,46
Amendoim (em casca) 1ª safra	123 015	111 968	-8,98
Arroz (em casca)	4 347 549	4 625 584	6,40
Batata-inglesa - 1ª safra	96 950	103 781	7,05
Cana-de-açúcar (1)	2 683 634	2 723 335	1,48
Cebola	55 257	66 975	21,21
Feijão (em grão) 1ª safra	1 688 287	1 720 101	1,88
Fumo (em folha)	218 805	229 849	5,05
Mamona	49 691	40 995	-17,50
Mandioca (1)	602 781	578 243	-4,07
Milho (em grão)	9 698 829	10 618 601	9,48
Soja (em grão)	9 578 059	8 840 134	-7,70
Tomate	32 683	33 088	1,24

(1) Área destinada à colheita.

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Variação (%)
Algodão herbáceo (em caroço)	1 006 580	937 476	-6,87
Amendoim (em casca) 1ª safra	110 652	111 968	1,19
Arroz (em casca)	4 040 068	4 625 584	14,49
Batata-inglesa - 1ª safra	94 401	103 781	9,94
Cana-de-açúcar	(1) 2 683 634	2 723 335	1,48
Cebola	(2) 54 293	66 975	23,36
Feijão (em grão) 1ª safra	1 418 682	1 720 101	21,25
Fumo (em folha)	(2) 211 754	229 849	8,55
Mamona	(2) 49 691	40 995	-17,50
Mandioca	(1) 591 158	578 243	-2,18
Milho (em grão)	(2) 8 668 558	10 618 601	22,50
Soja (em grão)	9 067 811	8 840 134	-2,51
Tomate	(2) 32 231	33 088	2,66

(1) Área destinada à colheita. (2) Área plantada.

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
 CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Algodão-herbáceo (em caroço)

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Varição (%)
TOTAL	1 006 580	937 476	-6,87
SUDESTE	491 204	448 926	-8,61
Minas Gerais	161 604	140 750	-12,90
São Paulo	329 600	308 176	-6,50
SUL	415 000	395 000	-4,82
Paraná	415 000	395 000	-4,82
CENTRO-OESTE	100 376	93 550	-6,80
Mato Grosso do Sul	49 955	50 000	0,09
Mato Grosso	15 857	17 500	10,36
Goiás	34 564	26 050	-24,63

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Amendoim (em casca) 1ª safra

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Variação (%)
TOTAL	110 652	111 968	1,19
SUDESTE	96 332	93 643	-2,79
Minas Gerais	1 714	1 725	0,64
São Paulo	94 618	91 918	-2,85
SUL	12 885	15 890	23,32
Paraná	7 190	9 950	38,39
Rio Grande do Sul	5 695	5 940	4,30
CENTRO-OESTE	1 435	2 435	69,69
Mato Grosso do Sul	1 353	2 400	77,38
Mato Grosso	5	5	-
Goiás	77	30	-61,04

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Arroz (em casca)

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Variação (%)
TOTAL	(1) 4 040 068	4 625 584	14,49
Rondônia	158 728	200 027	26,02
SUDESTE	977 573	1 036 142	5,99
Minas Gerais	587 869	631 509	7,42
Espírito Santo	39 668	42 266	6,55
Rio de Janeiro	37 249	38 600	3,63
São Paulo	312 787	323 767	3,51
SUL	1 007 280	1 139 121	13,09
Paraná	140 000	218 000	55,71
Santa Catarina	140 453	152 820	8,81
Rio Grande do Sul	726 827	768 301	5,71
CENTRO-OESTE	(1) 1 896 487	2 250 294	18,66
Mato Grosso do Sul	220 197	340 000	54,41
Mato Grosso	594 022	652 294	9,81
Goiás	(1) 1 070 966	1 245 000	16,25
Distrito Federal	11 302	13 000	15,02

(1) Área plantada.

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
 CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987
 Batata-inglesa - 1ª safra

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Varição (%)
TOTAL	94 401	103 781	9,94
SUDESTE	28 017	29 046	3,67
Minas Gerais	15 966	17 070	6,91
Espírito Santo	386	499	29,27
Rio de Janeiro	119	119	-
São Paulo	11 546	11 358	-1,63
SUL	66 362	74 715	12,59
Paraná	25 019	28 700	14,71
Santa Catarina	13 857	14 662	5,81
Rio Grande do Sul	27 486	31 353	14,07
CENTRO-OESTE	22	20	-9,09
Distrito Federal	2	20	-9,09

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Cana-de-açúcar

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Destinada à colheita (safra-86)	Destinada à colheita (safra-87)	Variação (%)
TOTAL	2 683 634	2 723 335	1,48
SUDESTE	2 253 688	2 261 340	0,34
Minas Gerais	294 386	300 000	1,91
Espírito Santo	49 396	53 993	9,31
Rio de Janeiro	229 630	227 071	-1,11
São Paulo	1 680 276	1 680 276	-
SUL	215 453	236 036	9,55
Paraná	160 000	180 000	12,50
Santa Catarina	23 000	23 000	-
Rio Grande do Sul	32 453	33 036	1,80
CENTRO-OESTE	214 493	225 959	5,35
Mato Grosso do Sul	72 000	62 000	-13,89
Mato Grosso	42 493	53 959	26,98
Goiás	100 000	110 000	10,00

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Cebola

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Variação (%)
TOTAL	(1) 54 293	66 975	23,36
SUDESTE	(1) 15 770	16 775	6,37
São Paulo	(1) 15 770	16 775	6,37
SUL	38 523	50 200	30,31
Paraná	4 634	5 530	19,34
Santa Catarina	16 666	24 018	44,11
Rio Grande do Sul	17 223	20 652	19,91

(1) Área plantada.

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Feijão (em grão) 1ª safra

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Varição (%)
TOTAL	1 418 682	1 720 101	21,25
SUDESTE	487 076	487 661	0,12
Minas Gerais	249 599	242 921	-2,68
Espírito Santo	47 713	44 632	-6,46
Rio de Janeiro	7 509	7 808	3,98
São Paulo	182 255	192 300	5,51
SUL	900 884	1 197 110	32,88
Paraná	561 746	745 000	32,62
Santa Catarina	197 666	277 400	40,34
Rio Grande do Sul	141 472	174 710	23,49
CENTRO-OESTE	30 722	35 330	15,00
Mato Grosso do Sul	7 904	13 600	72,06
Mato Grosso	16 606	15 230	-8,29
Goiás	5 940	6 200	4,38
Distrito Federal	272	300	10,29

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Fumo (em folha)

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Varição (%)
TOTAL	(1) 211 754	229 849	8,55
SUDESTE	7 074	7 334	3,68
Minas Gerais	5 910	6 180	4,57
São Paulo	1 164	1 154	-0,86
SUL	204 100	221 966	8,75
Paraná	18 300	22 000	20,22
Santa Catarina	95 667	95 000	-0,70
Rio Grande do Sul	90 133	104 966	16,46
CENTRO-OESTE	(1) 580	549	-5,34
Mato Grosso	(1) 58	29	-50,00
Goiás	522	520	-0,38

(1) Área plantada.

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Mamona

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Variação (%)
TOTAL	(1) 49 691	40 995	-17,50
SUDESTE	24 497	23 666	-3,39
Minas Gerais	9 231	9 200	-0,34
São Paulo	15 266	14 466	-5,24
SUL	(1) 22 500	16 000	-28,89
Paraíba	(1) 22 500	16 000	-28,89
CENTRO-OESTE	(1) 2 694	1 329	-50,67
Mato Grosso do Sul	(1) 2 005	1 000	-50,12
:			
Mato Grosso	689	329	-52,25

(1) Área plantada.

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

• Mandioca

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Destinada à colheita (safra-86)	Destinada à colheita (safra-87)	Varição (%)
TOTAL	591 158	578 243	-2,18
Rondônia	(1) 23 702	31 233	31,77
SUDESTE	176 313	168 122	-4,65
Minas Gerais	92 869	100 000	7,68
Espírito Santo	36 394	21 792	-40,12
Rio de Janeiro	11 936	11 216	-6,03
São Paulo	(1) 35 114	35 114	-
SUL	314 565	313 086	-0,47
Paraná	92 000	98 000	6,52
Santa Catarina	88 000	80 000	-9,09
Rio Grande do Sul	134 565	135 086	0,39
CENTRO-OESTE	76 578	65 802	-14,07
Mato Grosso do Sul	24 323	24 500	0,73
Mato Grosso	27 465	16 352	-40,46
Goiás	24 400	24 500	0,41
Distrito Federal	390	450	15,38

(1) Área colhida.

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Milho (em grão)

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Varição (%)
TOTAL	(1) 8 668 558	10 618 601	22,50
Rondônia	107 799	106 651	-1,06
SUDESTE	3 010 288	3 223 895	7,10
Minas Gerais	1 560 196	1 642 541	5,28
Espírito Santo	128 424	130 687	1,76
Rio de Janeiro	41 668	42 667	2,40
São Paulo	1 280 000	1 408 000	10,00
SUL	4 179 389	5 562 099	33,08
Paraná	1 730 000	2 630 000	52,02
Santa Catarina	923 958	1 005 000	8,77
Rio Grande do Sul	1 525 431	1 927 099	26,33
CENTRO-OESTE	(1) 1 371 082	1 725 956	25,88
Mato Grosso do Sul	(1) 163 299	260 000	59,22
Mato Grosso	275 523	302 956	9,96
Goiás	926 150	1 150 000	24,17
Distrito Federal	6 110	13 000	112,77

(1) Área plantada.

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Soja (em grão)

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Variação (%)
TOTAL	9 067 811	8 840 134	-2,51
SUDESTE	906 102	877 864	-3,12
Minas Gerais	430 151	425 864	-1,00
São Paulo	475 951	452 000	-5,03
SUL	5 371 308	5 185 598	-3,46
Paraná	1 745 000	1 700 000	-2,58
Santa Catarina	382 490	362 000	-5,36
Rio Grande do Sul	3 243 818	3 123 598	-3,71
CENTRO-OESTE	2 790 401	2 776 672	-0,49
Mato Grosso do Sul	1 206 354	1 200 000	-0,53
Mato Grosso	913 397	992 672	8,68
Goiás	621 810	540 000	-13,16
Distrito Federal	48 840	44 000	-9,91

ÁREA EM RONDÔNIA E CENTRO-SUL
CONFRONTO DAS SAFRAS DE 1986 E 1987

Tomate

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra-86)	Plantada ou a plantar (safra-87)	Variação (%)
TOTAL	(1) 32 231	33 088	2,66
SUDESTE	(1) 25 657	26 149	1,92
Minas Gerais	(1) 4 079	4 500	10,32
Espírito Santo	(1) 1 132	1 161	2,56
Rio de Janeiro	(1) 2 470	2 537	2,71
São Paulo	(1) 17 976	17 951	-0,14
SUL	4 793	5 123	6,89
Paraná	1 024	1 000	-2,34
Santa Catarina	1 349	1 350	0,07
Rio Grande do Sul	2 420	2 773	14,59
CENTRO-OESTE	(1) 1 781	1 816	1,97
Mato Grosso do Sul	(1) 145	160	10,34
Mato Grosso	(1) 53	56	5,66
Goiás	(1) 1 390	1 400	0,72
Distrito Federal	(1) 193	200	3,63

(1) Área plantada.

RELATÓRIO DE OCORRÊNCIAS1. ALGODÃO HERBÁCEO (em caroço)

As perspectivas de plantio nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste indicam uma área a ser plantada de 937 476 ha, menor 6,87% que a área colhida na safra anterior (1 006 580 ha).

Na Região Sudeste, os dois Estados produtores, registram uma área de 448 926 ha, menor 8,61% em relação à última safra.

Minas Gerais registra uma área de 140 750 ha, havendo um decréscimo de 12,90%, comparando com a última colheita; contribuindo para isso vários fatores: preço mínimo desestimulante, baixo preço de mercado obtido na última safra, e excesso de algodão no estoque regulador. Mesmo admitindo-se essa redução de área, está previsto um aumento de 10,1% na produção, se a principal região produtora, Ja a u ba, não for afetada pela seca, como ocorreu na fase crítica da safra 85/86.

O Estado de São Paulo esclarece que, como produto de exportação, está desestimulado pela política agrícola que direcionou maior volume de recurso à produção de alimentos. Se o produtor não obtiver financiamento, a área plantada estimada deverá diminuir sensivelmente.

O VBC e o preço mínimo também constituem fatores desestimulantes, além da constatada dificuldade para aquisição de insumos. Os adubos e defensivos estão com os preços tabelados, mas a mão-de-obra, que concorre significativamente para a elevação do custo final, está liberada, fato que implicará em maior desembolso do cotonicultor por ocasião da colheita. É provável que em regiões tradicionalmente produtoras, no caso de Ribeirão Preto e Campinas, a área seja mantida nos mesmos níveis da safra passada, mas, nas demais, certamente haverá retração. Está previsto uma área a ser plantada de 308 176 ha, menor 6,50% que a colhida na última safra.

Na Região Sul, onde o Paraná é o único informante, registra-se uma área de 395 000 ha, inferior 4,82% em relação a da última safra.

Esta redução de área decorre, principalmente, dos baixos VBCs e preços mínimos fixados para a cultura, e, ainda também, da perspectiva de preços não superiores aos mínimos, em função do estoque disponível no mercado atualmente.

As condições meteorológicas verificadas no período foram favoráveis à semeadura do algodão, sendo que o plantio foi bastante intensificado no decorrer deste mês.

As variedades de sementes mais empregadas no plantio são a IAC-17 e a IAC-20, adquiridas a uma razão de Cz\$ 395,00 a saca de 30 quilos para a semente tratada, e de Cz\$ 210,00 a saca de semente branca.

As lavouras, de um modo geral, apresentam um bom aspecto e atravessam os estágios de germinação (40%) e desenvolvimento vegetativo (60%).

A Região Centro-Oeste, com 93 550 ha, acusa um decréscimo de 6,80%, em confronto com a colhida na última safra.

No Mato Grosso do Sul houve um pequeno aumento de área plantada de 0,09% em relação à colheita passada, indo de 49 955 ha para 50 000 ha.

Em Mato Grosso a área estimada para o plantio é de 17 500 ha, excedendo em 10,36% quando confrontada com a da safra passada. Visando a diversificação de lavouras, o pequeno agricultor vem plantando o algodão, embora os problemas sejam muitos:

- Dificuldades para obtenção de sementes, e as que são colocadas à venda não são confiáveis, geralmente acarretando problemas, são refugos (sobras) do plantio de São Paulo;

- Não há interesse da Rede Bancária em trabalhar com esta lavoura, pois são pequenos produtores que dão pouco lucro e acarretam o mesmo trabalho burocrático de um grande produtor, além das dificuldades para as garantias que o Banco exige;
- A assistência técnica é limitada;
- A comercialização é dirigida pelos intermediários, que fornecem as sementes e outros insumos através do comprometimento de aquisição da produção;
- Não existem os produtos químicos específicos para o controle das pragas, e sim aqueles produtos de interesse do intermediário;
- Na safra 86, com as grandes aquisições de arroz, milho e soja e com a colheita do algodão em junho/julho a CFP não adquiriu o produto (apenas 79 t), por falta de armazém, e também porque os intermediários estavam pagando próximo do preço mínimo pelo produto, sem as burocracias exigidas pelo Governo.

Em Goiás a área a ser plantada é estimada em 26 050 ha, apresentando um decréscimo de 24,63% em relação à safra anterior. Os motivos principais foram:

- 1) frustração na comercialização da safra anterior;
- 2) VBC na faixa modal de rendimento incompatível com os custos operacionais de produção;
- 3) restrição do crédito, limitando-o aos níveis financiados na safra anterior;
- 4) alto custo dos insumos.

2. AMENDOIM (em casca) 1ª safra

A área plantada ou a plantar, nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste alcança 111 968 ha, maior em 1,19%, se comparada à área de 1985, quando foram colhidos 110 652 ha.

A Região Sudeste, maior centro produtor do amendoim, prognostica uma área plantada ou a plantar de 93 643 ha, inferior 2,79% se comparada à área colhida na safra passada.

Minas Gerais informa uma área de 1 725 ha, superior 0,64%, e São Paulo diminuiu sua área em 2,85%, registrando 91 918 ha. Na região Mogiana, onde é plantado em rotação com cana-de-açúcar, é provável que o amendoim alcance a mesma área do ano passado, mas no âmbito estadual poderá ser registrada alguma retração. As condições de mercado, tanto interno quanto externo, não estimulam o cultivo no que concerne ao suprimento de matéria-prima a nível dos preços praticados. Somente a obtenção de elevada produtividade, fato raramente observado, torna compensador o preço mínimo estabelecido. Na região de Marília, onde a cultura é expressiva, os produtores vêm encontrando grandes dificuldades para a aquisição de corretivos e fertilizantes.

Na Região Sul, espera-se uma área plantada de 15 890 ha, maior em 23,32% que a colhida em 1986.

Os dois Estados produtores, Paraná e Rio Grande do Sul apresentam aumentos de áreas plantadas. No Paraná as investigações feitas pelas COREAs no decorrer de outubro, estimam uma área a ser plantada na safra 86/87 em 9 950 ha, maior 38,39% que a colhida em 1986.

O desestímulo dos produtores pela cultura do amendoim, decorre principalmente dos prejuízos apresentados nas últimas safras, dos baixos VBCs e preços mínimos fixados para o produto.

No período em referência, tiveram prosseguimento os trabalhos de preparo do solo e plantio, já atingem 94% dos 9 950 ha previstos.

As sementes que estão plantadas, na sua totalidade são comuns (Tatu Vermelho e Tatuí), adquiridas por preços que variam entre Cz\$ 8,00/10,00 o quilo.

As lavouras implantadas, de um modo geral, apresentam bom aspecto, atravessando os estágios de germinação (30%); desenvolvimento vegetativo (60%), e as mais adiantadas em início de floração (10%).

No Rio Grande do Sul está previsto um plantio de 5 940 ha, superior 4,30% à área colhida na safra/86. É cultura localizada a nível de pequena propriedade para suprir as necessidades próprias de consumo, sendo o excedente destinado à comercialização com certa facilidade.

Na Região Centro-Oeste estima-se uma área plantada ou a plantar de 2 435 ha, excedendo em 69,69% à colhida na safra/86.

Mato Grosso do Sul prognostica uma área a plantar de 2 400 ha, maior 77,38% que a área colhida na safra anterior. O desempenho da cultura, prejudicado sensivelmente pelas condições climáticas desfavoráveis, consiste, portanto, em um dos fatores de desestímulo para o plantio do amendoim que deverá ter sua área a plantar reduzida.

No Estado de Mato Grosso, é uma cultura de subsistência do produtor. As previsões da área plantada ou a plantar, em confronto com a última safra, não sofre modificações, 5 ha.

No Estado de Goiás, embora haja incentivo do governo, através da oferta de crédito para custeio de 100% para o grande, médio e pequeno produtor, não se registrou nenhum interesse por essa cultura. A área estimada de 30 ha poderá não ser atingida, diminuída em 61,04% quando comparada com a área colhida na última safra.

3. ARROZ (em casca)

A área plantada ou a plantar situa-se em 4 625 584 ha, maior em 14,49% do que a colhida na safra de 1986, com todos os Estados informantes apresentando perspectivas de aumento em suas estimativas.

Em Rondônia a área prevista é de 200 027 ha, representando um acréscimo de 26,02% em relação à safra passada.

Para a Região Sudeste, a área de cultivo situa-se em 1 036 142 ha, maior em 5,99%.

Em Minas Gerais a área prevista é de 631 509 ha, maior em 7,42%, este aumento reflete a tendência de recuperação de áreas perdidas em anos anteriores, sendo que o maior obstáculo para a sua expansão, está na disponibilidade de insumos a nível de município, em tempo oportuno para o plantio.

No Espírito Santo a área a ser cultivada é de 42 266 ha, maior em 6,55%. Até o mês de outubro foi comercializado um total de 127 t de sementes para plantio e existe também o sistema de trocas de sementes, acionado pela Secretaria de Agricultura através da EMATER, que procura atender os pequenos produtores com área total de até 20 ha. Quanto ao crédito agrícola, 1 213 projetos, envolvendo uma área de 5 748 ha, até o mês de outubro, foram aprovados. Isto evidencia mais uma vez a escassez de recursos para financiar a atual safra, à exceção das áreas beneficiadas pelo PROVARZEA.

Para o Rio de Janeiro a área estimada é de 38 600 ha, maior em 3,63%, isto deve-se a maior assistência técnica, juros baixos e maior oferta de sementes selecionadas, e também a uma maior disponibilidade de áreas propícias para a cultura. As variedades utilizadas são: PESAGRO 101, 102, T03, ABRIL dentre outras.

Em São Paulo a área de cultivo situa-se em 323 767 ha, maior em 3,51%. O arroz por ser uma cultura básica foi beneficiado com limites de financiamento de 100% do VBC, e o preço mínimo é considerado animador. O êxito verificado com a cultura em 1985, quando foi registrada uma das mais altas produções dos últimos anos e o fato de ser uma cultura de subsistência, com mercado assegurado para qualquer nível de produção, justificam os aumentos esperados.

Para a Região Sul a área de cultivo é prevista em 1 139 121 ha, apresentando um acréscimo de 13,09%.

No Paraná a área a ser ocupada com a cultura deve-se situar ao redor de 218 000 ha, maior em 55,71% do que a colhida na safra passada, conforme o último levantamento de campo, onde praticamente toda a área prevista já se encontrava preparada, da qual cerca de 60% já havia recebido as sementes, e as variedades mais plantadas têm sido a IAC-25, IAC-164, IAPAR-9, CICA-9, IRGA-4 440, entre outras, com pradas numa faixa de preços que varia entre Cz\$ 350,00/400,00 a saca de 40 kg. Os principais estágios de desenvolvimento por que passam as lavouras são os de germinação (45%) e desenvolvimento vegetativo (55%).

Em Santa Catarina a área prevista é de 152 820 ha, maior em 8,81%. A cultura do arroz encontra-se na fase de preparo do solo e plantio. Na região sul do Estado houve necessidade de se fazer o preparo do solo visando o plantio e replantio, devido a ocorrências de cheias, e na região norte as lavouras encontram-se em fase de desenvolvimento vegetativo. O plantio deverá ser concluído em fins de novembro/início de dezembro, observando-se uma certa dificuldade para aquisição de fertilizantes e sementes fiscalizadas para a conclusão do plantio. Os acréscimos de áreas verificados nos últimos anos devem-se à sistematização das várzeas no sul do Estado (PROVÁRZEAS), e os acréscimos de produtividade devem-se a semeaduras de grãos pré-germinados, a introdução de novos cultivares pelo IRGA e pela EMPASC. Quanto ao produto de sequeiro encontra-se na fase de plantio e as condições climáticas apresentam-se normais. Esta cultura destina-se basicamente para consumo nos estabelecimentos.

Para o Rio Grande do Sul é prevista uma área de cultivo de 768 301 ha, incluindo os cultivos irrigados e de sequeiro, maior em 5,71% do que a da safra passada. O arroz irrigado cobre uma área de 732 842 ha, e o de sequeiro 35 459 ha.

Pelas características diferenciadas de cultivo, o arroz irrigado desenvolvido em solos alagados tem mantido nos últimos anos uma estabilidade em suas áreas cultivadas, registrando a cada ano um leve aumento, previsto também para a próxima safra. Em virtude da alta tecnologia de sua lavoura, praticamente não têm-se verificado frustrações de colheita, a partir da premissa de que a disponibilidade de água que poderia comprometer a produção, é inerente à própria exploração da cultura. Já o arroz de sequeiro que depende das condições naturais de suprimento de água, através da distribuição adequada da precipitação está sujeito a perdas provocadas pela estiagem como foi o caso da safra de 1986.

Finalmente para a Região Centro-Oeste, a área de cultivo prevista é de 2 250 294 ha, maior em 18,66%.

Em Mato Grosso do Sul a área situa-se em 340 000 ha; maior em 54,41% do que a colhida na safra passada, pois verifica-se a abertura de novas áreas, substituição da cultura de soja e a Política Agrícola estimulante (VBC e limites de financiamentos) que proporcionam uma maior margem de remuneração se comparada à soja, apesar do risco.

No Mato Grosso a área situa-se em 652 294 ha, maior em 9,81%, este acréscimo deve-se principalmente aos seguintes fatores: a boa safra de 86, em que o clima favoreceu e a produtividade foi uma das maiores já obtida no Estado, VBC razoável; preço mínimo maior que o da soja; a grande aquisição da safra passada pela CFP; boa lucratividade em comparação com a soja; aparecimento da variedade cuiabana, de alta produtividade; e rotação de soja por arroz sem necessidade de novos investimentos. Entre os fatores limitantes, podemos citar: o Banco do Brasil só atende a 10% da demanda de crédito; as chuvas no norte começaram cedo, impedindo a queimada de novas derrubadas; e o atraso na liberação do crédito, cria dificuldades para aquisição de fertilizantes, onde o frete é pago à vista.

Em Goiás, a área prevista é de 1 245 000 ha, maior em 16,25% do que a área plantada em 1986, informada em outubro (LSPA). Para o arroz de sequeiro, as informações indicam que no sul e sudeste do Estado está havendo substituição por pastagens e no norte e médio-norte são de crescimento de área plantada. A falta de crédito para os investimentos necessários à abertura de novas áreas, condições climáticas desfavoráveis e falta de armazéns, se contrapõem aos fatores positivos, como: facilidade de comercialização; custos menores em relação ao algodão, milho e soja; maior espaço de tempo para o

plantio (pode ser plantado até em janeiro); incentivo do Governo, através de juros favoráveis; e maior facilidade de escoamento da produção. Quanto ao irrigado a área prevista de 45 000 ha, poderá alcançar 50 000 ha, caso haja disponibilidade de crédito suficiente, e a expansão poderá ocorrer com a implantação do cultivo nas áreas de várzeas.

Para o Distrito Federal, a área de cultivo é prevista em 13 000 ha, maior em 15,02% do que a da safra passada. O veranico ocorrido na safra passada desestimulou novos plantios e as irregularidades das precipitações pluviométricas, nas áreas produtoras, vêm acarretando um atraso no início do plantio, pois o arroz plantado é o de sequeiro. Segundo dados da Delegacia Federal da Agricultura existem 1 870 ha inscritos para a produção de sementes fiscalizadas e certificadas.

4. BATATA-INGLESA - 1ª safra

A área plantada ou a plantar no Centro-Sul está estimada em 103 781 ha, maior 9,94% se comparada à colhida em 1986.

A Região Sudeste apresenta crescimento de 3,67%, atingindo 29 046 ha, contra 28 017 ha colhidos na safra passada. O maior produtor da região é Minas Gerais, que prognostica plantio de 17 070 ha, o que significa incremento da ordem de 6,91% em relação ao colhido em 1986, movido pela melhoria de preços e recuperação do setor.

No Espírito Santo, a área cresce 29,27%, alcançando o total de 499 ha. A bataticultura estadual tem produtor tradicional, devido ao mercado certo (CEASA, principalmente), que comercializa praticamente toda a produção capixaba, o que justifica a perspectiva de aumento, em razão da crescente demanda de alimentos.

O Rio de Janeiro mantém-se estável, não apresentando variação em relação à safra anterior, devendo plantar um total de 119 ha.

Em São Paulo, é possível que venha a ser registrado pequeno decréscimo no cultivo (-1,63%), apesar da estabilidade observada ao longo do tempo. A evolução do cultivo da variedade "byntje", do grupo Lisa, permitiu a implantação de modelos de produção que se transformaram, com o passar do tempo, em barreiras ao ingresso de aventureiros, proporcionando condições de estabilidade ao parque batateiro. Dessa forma, a bataticultura paulista é desenvolvida por produtores tradicionais, detentores de elevado nível tecnológico e dos recursos que a atividade exige. A menor oferta do produto, consequência da distribuição irregular de chuvas, causou a elevação dos preços da batata da 1ª safra de 1986. O nível das cotações não foi contido pelo tabelamento, constituindo-se no maior incentivo à ampliação da área de cultivo. O ciclo da cultura é bastante rápido e mercado garantido, não obstante, poderão surpreender, tornando difícil qualquer avaliação antecipada. As lavouras implantadas na região de Sorocaba não apresentam anormalidades e poderão revelar área semelhante à da safra correspondente do ano passado. A nível de estado, a previsão de plantio é de 11 358 ha.

A Região Sul, que detém a maior parte da produção nacional, registra um possível aumento de 12,59% na área, atingindo 74 715 ha. O Estado do Paraná prognostica área 14,71% maior que a colhida em 1986. Este aumento é devido, basicamente, ao bom nível de preços com que foi comercializada a produção das safras anteriores. Toda a área já se encontra plantada, com as lavouras apresentando um bom aspecto e atravessando os estágios de desenvolvimento vegetativo (30%), formação dos tubérculos (55%) e as mais adiantadas em maturação (15%). As condições climáticas, de um modo geral, têm sido favoráveis ao desenvolvimento das plantas. As variedades de batata-semente mais empregadas são: Delta, Byntje, Elvira, Radosa, Baronesa e a comum, entre outras.

Em Santa Catarina, as perspectivas são de acréscimo na área a plantar (+5,81%), em função dos bons preços de mercado verificados no decorrer deste ano. A área total deve chegar a 14 662 ha. A cultura da batata no estado é uma atividade de pequenos e tradicionais produtores rurais. O seu cultivo é possível em todos os meses do ano e em todas as microrregiões, devido às particularidades de clima

e solo apresentadas pelo Estado. Nos últimos anos as safras estacionaram, e em algumas até regrediram, apesar de todos os fatores altamente positivos para o desenvolvimento dessa cultura. Isso ocorreu na maioria dos casos, devido a: dificuldades na venda da produção, pela falta de uma boa estrutura de comercialização; relativa perecibilidade do produto; baixos preços recebidos pelos produtores; majorações exorbitantes dos diversos insumos e fatores de produção.

Atualmente, as condições climáticas apresentam-se normais, apesar da ocorrência de geadas na região do Planalto, sem afetar significativamente a produção esperada. A cultura apresenta-se nas fases de plantio, tratamentos culturais e início de colheita. Não se observa problema com a disponibilidade de sementes, em face da pouca utilização de sementes certificadas pelos produtores, mesmo sendo o Estado um grande produtor de "sementes" — a produção é para atender outros mercados (SP, MG, PR e RS).

A área a ser plantada no Rio Grande do Sul apresenta tendência de crescimento em relação à colhida em 1986, e 14,07%, atingindo 31 353 ha. A falta de qualidade da batata-semente certificada, tem limitado a expansão maior dessa cultura, cuja produção não chega a atender às necessidades do Estado. Por isso, existe um amplo espaço para essa cultura, que é fundamental para o suprimento interno das necessidades de mercado.

No Centro-Oeste, onde a produção é inexpressiva, o único informante é o Distrito Federal, que prevê plantio de 20 ha, menor 9,09% que o colhido na safra correspondente em 1986. A área é praticamente igual, uma vez que o cultivo será feito pelos mesmos produtores daquela época, em pequenas propriedades.

5. CANA-DE-AÇÚCAR

A área destinada à colheita é prevista em 2 723 335 ha, maior em 1,48% do que a destinada à colheita em 1986.

Para a Região Sudeste, onde se concentra a maior parte da produção, é prevista uma área destinada à colheita de 2 261 340 ha, maior em apenas 0,34% do que a de 1986.

Em Minas Gerais a área destinada à colheita é prevista em 300 000 ha, maior em 1,91%, e no Espírito Santo a área destinada à colheita situa-se em 53 993 ha, maior em 9,31%, devido principalmente à demanda das usinas para produção de álcool e a exportação para o Estado do Rio de Janeiro, ainda que pese o prenúncio da paralisação de pelo menos 3 usinas por falta de matéria-prima. Quanto ao fator crédito, até outubro, foram aprovados 1 303 projetos para o financiamento de 7 588 ha, e quanto à assistência técnica esta é promovida basicamente por técnicos das Usinas, devendo abranger uma área de 3 443 ha, envolvendo 168 produtores.

Para o Estado do Rio de Janeiro a área destinada à colheita é prevista em 227 071 ha, menor em 1,11%, devido à substituição da cultura por pastagens, preços baixos recebidos pelos produtores e à falta de recursos para novos plantios, conforme informações fornecidas pelas COREAs e COMEAs. O baixo rendimento no Estado é reflexo das práticas utilizadas pelos produtores, ou seja, cana plantada seccionada pelos próprios produtores, dentro de suas lavouras e pouca utilização de fertilizantes e corretivos.

Em São Paulo, a área destinada à colheita situa-se em 1 680 276 ha, igual à da safra passada, visto que a política governamental tem procurado frear qualquer expansão do setor sucroalcooleiro em função do mercado internacional do açúcar, que é desfavorável, e do volume de álcool que excede à capacidade de armazenagem. O preço pago pela cana está bastante defasado em relação aos custos de produção, fato que tem trazido desânimo aos produtores, considerando ainda que todo o estímulo da política agrícola está voltado à produção de alimentos e a grandeza que a área de cana registra atualmente, prevê-se para 87 a manutenção dos níveis registrados em 86, sendo que neste ano, a cultura foi prejudicada pela estiagem, ocasionando quedas na produtividade e também no teor de sacarose (que segundo a Associação dos Fornecedores de Cana de Guariba, região de Jaboticabal, em 1985 foi de 19,12%

e em 86 de 11,50%), e ainda segundo a Superintendência Regional do IAA, já existem unidades industriais encerrando as atividades da safra atual, fato que permite concluir que as produções autorizadas para o açúcar e álcool não serão atingidas.

Na Região Sul a área destinada à colheita é de 236 036 ha, maior em 9,55%, ocorrendo acréscimos no Paraná e Rio Grande do Sul e Santa Catarina permanecendo estável.

No Paraná o acréscimo registrado é de 12,50%, com a área destinada à colheita prevista em 180 000 ha, e os trabalhos de plantio prosseguem com as variedades mais plantadas, sendo a NA-5 679, SP-701 143, IAC-64 257, CB-4 176, CO-5 122, entre outras. As condições do tempo favorecem as atividades de plantio e também a germinação das recém-plantadas, bem como propiciam um melhor desenvolvimento das áreas de soca.

Em Santa Catarina a área destinada à colheita é de 23 000 ha, e para o Rio Grande do Sul é de 33 036 ha, maior em 1,80%.

Para a Região Centro-Oeste a área destinada à colheita é de 225 959 ha, maior em 5,35%, com acréscimos previstos no Mato Grosso e Goiás e decréscimo no Mato Grosso do Sul, onde 62 000 ha são destinados à colheita, sendo menor em 13,85% do que a da safra - 86, este decréscimo foi constatado junto às destilarias para a produção de álcool.

No Mato Grosso a área destinada à colheita é previsto em 53 959 ha, maior em 26,98%.

Em Goiás a área destinada à colheita situa-se em 110 000, maior em 10,00% do que a da safra de 1986. Nas projeções feitas em 1983 pelos órgãos ligados à produção de álcool, a área ocupada com a cana deveria atingir em 1987 cerca de 250 000 ha.

6. CEVADA

A área prevista de plantio situa-se em 66 975 ha, maior em 23,36% do que a colhida em 1986.

Para a Região Sudeste, representada aqui por São Paulo, a área a ser plantada é de 16 775 ha, maior em 6,37% do que a colhida em 86, embora estes dados ainda possam sofrer variações, pois poderão sofrer influência da comercialização do produto de soqueira, cuja colheita é concluída no final do ano, e considerando que a cultura tem sido estável ao longo do tempo e o nível de preços praticados em 86, é provável que se possa registrar expansão de área em 1987.

Para a Região Sul é esperado um incremento de 30,31%, com a área situando-se em 50 200 ha.

No Paraná, as últimas averiguações de campo indicam que a área plantada é de 5 530 ha, maior em 19,34% do que a colhida na safra de 1986. No mês de outubro, a maior parte da cultura atravessava a fase de tratamentos culturais, nos seguintes estágios de crescimento: desenvolvimento vegetativo (20%), formação de bulbos (30%) e maturação (50%). Os canteiros que se encontravam em estágio avançado de maturação, localizados principalmente na Região do Norte Velho, continuaram sendo colhidos, calculando-se que no final do período em referência totalizaram 55 ha, que proporcionaram uma produção de 240 t, com uma produtividade de 4 364 kg/ha. O produto colhido caracteriza-se como de boa qualidade, com o preço variando entre Cz\$ 4,00/4,50 o quilo, mas a colheita em maior escala deverá acontecer já a partir do próximo mês, devendo atingir o pique nos meses de dezembro e janeiro. Dentre as práticas agrícolas, além de capinas, observou-se também a aplicação de defensivos no combate a pragas e doenças ("trips" e "mancha púrpura").

Em Santa Catarina, a área plantada é de 24 018 ha, maior em 44,11%, e a cultura está na fase de tratamentos culturais, apresentando um bom desenvolvimento vegetativo, pois as condições climáticas são normais.

A grande preocupação no momento é com o escoamento da produção, em face da excelente safra esperada. Segundo os cálculos da CEPA/SC, a disponibilidade de produção para exportação a outros centros

consumidores deverá ficar em 166 000 t, enquanto na safra passada foi de 90 000 t.

Diante desse quadro realizou-se uma reunião entre as Secretarias da Agricultura dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina com produtores e líderes políticos dos municípios produtores, com a finalidade de minimizar os efeitos negativos de uma supersafra. As principais sugestões apresentadas foram:

- estudar mercados alternativos dentro e fora do País;
- propor, junto à Secretaria Nacional de Abastecimento do MA, o retardamento da safra do Vale do São Francisco, de abril para junho do próximo ano;
- provocar o aumento de consumo através de campanhas, ressaltando as qualidades organolépticas do produto;
- retirar o ICM do produto com intuito de desburocratizar o processo de escoamento, agilizando-o; e
- alocamento de recursos que possibilitem aumentar e melhorar a capacidade de armazenagem das unidades produtoras.

No Rio Grande do Sul a área plantada é estimada em 20 652 ha, maior em 19,91% em relação à colhida na safra passada. A boa comercialização com que se processou a safra passada, justifica o incremento da área e a euforia constatada nas regiões produtoras.

7. FEIJÃO (em grão) 1ª safra

A área provável plantada ou a plantar no Centro-Sul, deverá oscilar em torno de 1 720 101 ha, superior 21,25% à colhida em 1986 na 1ª safra, quando a colheita foi efetuada em 1 418 682 ha.

Em todas as três Grandes Regiões, verifica-se a tendência de crescimento. Assim na Sudeste a área passa de 487 076 para 487 661 ha (+0,12%), na Sul de 900 884 para 1 197 110 ha (+32,88%) e Centro-Oeste de 30 722 para 35 330 ha (+15,00%). Na região Sudeste, Minas Gerais apresenta um decréscimo calculado em 2,68%, sendo prognosticada uma área de 242 921 ha.

No Espírito Santo a área deverá alcançar 44 632 ha, menor 6,46% que a colhida na safra passada (47 713 ha). Muito embora a demanda de sementes tenha se expandido e a assistência creditícia tenha se ampliado, o feijão deverá ser cultivado nesta 1ª safra em área menor do que a 1ª safra de 1986. Foram detectados plantios em setembro que forçosamente serão colhidos ainda em 1986.

Para o Rio de Janeiro verifica-se um acréscimo de 3,98% na área, que passa de 7 509 para 7 808 ha. Dito acréscimo é motivado pelo bom preço obtido na safra anterior, além de motivos climáticos, diminuindo-a, o que se espera não ocorra nesta safra. Não são aplicados fertilizantes ou corretivos e as sementes usadas são, basicamente as reservas de sua própria produção. O crédito agrícola está sendo procurado e usam assistência técnica governamental.

Em São Paulo o feijão plantado "no cedo", na região de Sorocaba, a chamada "safra das águas", deverá iniciar a colheita em novembro, estendendo-se até o início do próximo ano. Todas as regiões vêm mostrando um aquecimento no plantio, determinando que prognostique-se uma área de 192 300 ha (+5,51%).

A Região Sul tem no Paraná o seu maior produtor, onde verifica-se em 1ª informação um acréscimo de 32,62% na área, que passa de 561 746 para 74 500 ha. As condições de tempo foram favoráveis à conclusão dos trabalhos de preparo do solo, bem como o plantio, que já atinge 90% da área prevista para o Estado. As variedades mais utilizadas são: Carioca, Rio Tibogi, Rio Ivaí, Rosinha, Rio Iguazu, Rio Negro e Chumbinho.

Em Santa Catarina, a cultura é típica de pequena propriedade e grande utilizadora de mão-de-obra familiar. A tecnologia utilizada é restrita, explicando as baixas produtividades obtidas.

O plantio tem se ampliado nos últimos anos. O maior entrave ainda é a variação climática, que em determinadas épocas proporcionam quedas violentas na produção.

A primeira safra corresponde a 62% da área total cultivada no Estado. A ocorrência de chuvas em setembro, proporcionou aceleração nos trabalhos de plantio. A área plantada deverá alcançar 277 400 ha, maior 40,34% que a colhida em 1986.

A primeira investigação para o Rio Grande do Sul, mostra uma área plantada ou a plantar de 174 710 ha, maior 23,49% que a colhida na safra passada (141 472 ha). A semente produzida no Estado, não foi suficiente para atender toda área prevista para plantio, havendo necessidade de aquisição de sementes do Paraná, da variedade "Rio Negro", não sendo, contudo, indicada para o Rio Grande do Sul.

Para a Região Centro-Oeste, verifica-se um acréscimo substancial para Mato Grosso do Sul (72,06%), determinando uma área prognosticada de 13 600 ha, contra 7 904 ha colhidos na 1ª safra de 1986. Tal acréscimo é determinado pelo incentivo dado pelo governo, através da política agrícola para os produtos básicos de consumo interno.

Mato Grosso tem a cultura intercalada com a lavoura de milho, plantada nas regiões de fronteira agrícola, por pequenos produtores oriundos do Paraná que trazem consigo a tradição deste plantio.

Com o adiamento das chuvas, diminuíram as áreas preferenciais para o cultivo, determinando um prognóstico de 15 230 ha (-8,29%).

Em Goiás, a cultura é quase que de subsistência, sendo feita, inclusive, com muito risco, pois o desenvolvimento da cultura se dá em período de intensas chuvas, favorecendo o aparecimento de doenças e pragas. A área cultivada ou a cultivar é de 6 200 ha (+4,38%).

No Distrito Federal, a expectativa é de 300 ha, dos quais 175 ha serão destinados à semente. O incremento em relação à 1ª safra de 1986 é de 10,29%.

8. FUMO

A primeira informação sobre a safra fumicola de 1987, no Centro-Sul, mostra uma área a ser plantada de 229 849 ha, maior 8,55% que a colhida em 1986 (211 754 ha).

Analisando-se as Grandes Regiões chega-se ao seguinte quadro: as Regiões Sudeste e Sul apresentam em relação a 1986, acréscimos de 3,68% e 8,75%, respectivamente. Já na Região Centro-Oeste a área a ser plantada acusa decréscimo de 5,34%.

A situação da cultura nos Estados produtores para a futura safra revela-nos que houve acréscimos em Minas Gerais (+ 4,57%), Paraná (+20,22%) e Rio Grande do Sul (+16,46%) e decréscimos em São Paulo (-0,86%), Santa Catarina (-0,70%), Mato Grosso (-50,00%) e Goiás (-0,38%).

A área a ser plantada em Minas Gerais acusa um acréscimo de 4,57% quando comparada à colhida na safra passada.

Em São Paulo a área apresenta decréscimo de 0,86%. Cultura economicamente inexpressiva, vez que possui mercado restrito ao consumo do produto final em "corda" (fumantes de cachimbo e cigarro-de-palha). Com presença em poucos municípios, onde é desenvolvida por mão-de-obra inteiramente familiar, quase artesanalmente, e está sujeita a inúmeros riscos durante o ciclo vegetativo.

No Paraná a expansão significativa de 20,22% na área a ser plantada, situando-a em 220 000 ha, deve-se aos seguintes fatores: boa produtividade e preços compensadores na safra passada. Ressalta-se que as condições de tempo vigentes em outubro, foram favoráveis aos trabalhos de preparo do solo e transplante das mudas, que já atinge 95%. Os tipos de fumos que continuam merecendo a preferência dos produtores são o "amarelinho" e o "virgínia", com destaque para as variedades "burley", "maus", "sumatra", "tietê" e "comum".

O Rio Grande do Sul pretende cultivar nesta safra, uma área de 104 966 ha, superior 16,46% à colhi

da em 86. O bom preço pago ao fumicultor, é o motivo principal deste acréscimo.

As perspectivas para Mato Grosso são pessimistas, pois é um cultivo em franca decadência neste Estado. Hoje com a escassez de mão-de-obra, a tradição do cultivo para transformação da folha em fumo-rolô, decaiu bastante, e por outro lado, não há mercado para o fumo em folha. Assim se explica a brutal queda de 50,00% na área a ser cultivada para 1987, situando-se em apenas 29 ha.

9. MAMONA

Informamos que para 1987, no Centro-Sul, a área a ser plantada apresenta uma queda de 17,50%, ou seja, passou de 49 691 (plantada em 86) para 40 995 ha. Com referência às estimativas das Grandes Regiões para a safra futura, verificamos o seguinte quadro: todas apresentam decréscimos, sendo que a Região Centro-Oeste é a recordista, com 50,67%. As demais, Sudeste e Sul, com 3,39% e 28,89%, respectivamente. O declínio da cultura já detectado em outros anos, faz-se presente também neste, pois, as baixas cotações, e agora a falta de apoio governamental, que contemplou apenas os produtos básicos para a alimentação, fizeram com que a área a ser plantada retraísse 5,24%, passando de 15 266 para 14 466 ha, no Estado de São Paulo.

A significativa queda de 28,89% na área a ser plantada no Paraná, decaindo para 16 000 ha, foi motivada pela maior relevância de outras culturas, as quais apresentam maior retorno. Acrescenta-se que a cultura tem sua maior concentração populacional nas Microrregiões Norte Novíssimo de Umuarama e Norte Novo de Apucarana.

A queda de 50,12% na área plantada em Mato Grosso do Sul, tem como causa o desinteresse por essa cultura, que decai de ano para ano. Assim para a futura safra o Estado plantou 1 000 ha.

A área a ser plantada em Mato Grosso apresenta decréscimo de 52,25%, situando-se 329 ha. As razões são: falta de sementes, inexistência de canais de comercialização, preço pago ao produtor aquém do real, assistência técnica deficiente e falta de incentivos.

10. MANDIOCA

O prognóstico da área plantada e destinada à colheita para Rondônia e as Grandes Regiões: Sudeste, Sul e Centro-Oeste para 1987 é de 578 243 ha, menor 2,18% que a área destinada à colheita para safra de 1986 (591 158 ha).

Muito embora haja um acréscimo de 31,77% em Rondônia, verifica-se que o decréscimo a nível de Brasil é provocado por quedas no Sudeste (4,65%), Sul (0,47%) e Centro-Oeste (14,07%).

Em Rondônia, as novas fronteiras agrícolas determinam um prognóstico de área de 31 233 ha, maior 31,77% que a da atual safra (23 702 ha).

Na Grande Região Sudeste, verifica-se que a área passa de 176 313 para 168 122 ha (-4,65%), face a decréscimos previstos no Espírito Santo e Rio de Janeiro, embora Minas Gerais prognostique um aumento e São Paulo mantém-se nos níveis de 1986.

Em Minas Gerais as possibilidades de aumento são bastante viáveis. Inicialmente está prevista uma área de 100 000 ha (+7,68%).

No Espírito Santo com a expansão da cultura da cana-de-açúcar, ocupando áreas tradicionalmente de mandioca e as notícias sobre os grandes estoques de farinha, contribuirão para que a safra prevista para 1987 decrescesse 40,12%, passando de 36 394 para 21 792 ha.

No Rio de Janeiro a área decresce 6,03%, indo de 11 936 para 11 216 ha. O decréscimo é decorrente dos baixos preços que o produto vem alcançando no mercado, determinando uma substituição gradativa da cultura por outras mais rentáveis.

Na Grande Região Sul, maior produtora do país, observa-se um decréscimo de 0,47%, determinando uma área prognosticada em 313 086 ha. O Estado responsável por esta queda é Santa Catarina (-9,09%), já que no Paraná e Rio Grande do Sul as áreas são acrescidas em 6,52% e 0,39%, respectivamente.

No Paraná verifica-se um aumento de 6,52%, passando de 92 000 ha destinados à colheita este ano para 98 000 ha, prognosticados para 1987. Este acréscimo é determinado pela disponibilidade de manivas para o plantio, além das condições do tempo nos meses de plantio terem sido boas para esta prática. As variedades mais procuradas são: Fibra, Fitinha e Schwaback, utilizando-se cerca de 4 a 5 m³ de rama por hectare.

Para Santa Catarina espera-se um decréscimo de 9,09% na área destinada à colheita, indo de 88 000 para 80 000 ha. Este decréscimo decorre do preço baixo conseguido pelos produtores de farinha, além do preço mínimo da raiz ter sido fixado igual ao da safra anterior.

A cultura no Rio Grande do Sul, maior produtor do País, sofre oscilações a cada ano, para mais ou para menos de acordo com o planejamento que o produtor faz para a safra seguinte. Neste ano, este planejamento determina em seu todo um acréscimo de 0,39%, levando a área plantada e destinada à colheita de 134 565 para 135 086 ha.

A Grande Região Centro-Oeste apresenta uma área prognosticada em 65 802 ha, menor 14,07% que a de 1986 (76 578 ha). O decréscimo é determinado pelo Estado de Mato Grosso (-40,46%), já que os demais Estados da região apresentam acréscimos.

Mato Grosso do Sul mantém, praticamente, a mesma área destinada à colheita, já que o acréscimo previsto é de apenas 0,73%, indo de 24 323 para 24 500 ha.

Em Mato Grosso a substituição gradativa da lavoura determina um decréscimo de 40,46% na área prognosticada para 1987, situando-se em 16 352 ha.

Em Goiás, apesar do incentivo do governo, não há perspectiva de crescimento. Inexistem indústrias de transformação com capacidade para modificar a relativa estabilidade da cultura. A área prognosticada é de 24 500 ha, praticamente igual à anterior (24 400 ha).

No Distrito Federal, a cultura é de pequena monta. Existe uma área de 500 ha, dos quais 450 se destinam à colheita em 1987, contra 390 colhidos ou a colher em 1986 (+15,38%).

11. MILHO (em grão)

A previsão para a área de cultivo de milho para 1987 é de 10 618 601 ha, que é maior em 22,50% da área colhida ou a colher em 1986. Todos os estados produtores apresentam perspectivas de crescimento de área, com exceção de Rondônia, que deverá sofrer pequeno decréscimo (1,06%), ficando em 106 651 ha.

Na Região Sudeste, a área prevista é de 3 223 895 ha, maior 7,10% que a colhida na safra anterior.

Em Minas Gerais, apesar da prolongada estiagem, é prevista expansão da cultura em 5,28%, atingindo área de 1 642 541 ha, face à melhoria das técnicas culturais que se têm verificado. As maiores dificuldades ficam por conta dos pequenos produtores, que não conseguem adquirir adubo, uma vez que não podem comprar "caminhão fechado", como os médios e grandes produtores.

No Espírito Santo, o aumento previsto é de 1,76%, chegando a 130 687 ha. Os fatores positivos que concorrem para este pequeno acréscimo são: preço do produto e sua natural necessidade, do qual o Estado é bastante deficitário. Todavia, já se nota certa tendência a reduções de áreas de plantio nas regiões centro-sul do Estado, pela expansão da área do café adulto e conseqüente arrefecimento na intercalação da cultura pela sua impraticabilidade. Assim, a área não deverá se expandir muito além da que foi colhida na safra anterior, e a produção deverá ser aproximadamente igual, se condições climáticas adversas não vierem a ocorrer, e se houver rotatividade da cultura do arroz com o milho, conforme vem preconizando a EMATER, nas regiões onde a irrigação do arroz é sistematizada.

No Rio de Janeiro, o aumento previsto é de 2,40%, ficando em 42 667 ha. As variedades mais utilizadas são: Agrocères 162, 163 e 164, Cargil 137, Sintético e Catete. Toda a semente plantada é "certificada", e de boa qualidade, mas apenas 30% dos produtores utilizam adubos químicos e fazem a correção do solo.

Em São Paulo, há perspectivas de expansão da área de cultivo em 1987, com milho ocupando espaços anteriormente cobertos por algodão e soja. O aumento deve ficar na faixa de 10,00%, atingindo 1 408 000 ha. A política agrícola foi direcionada para o incremento à produção: VBC maior, preço mínimo estimulante e expectativa de boa rentabilidade. Sendo cultura de fácil condução, que exige menores investimentos, o milho surge como o grande destaque da safra. Em Regiões como Ourinhos, Catanduva e Cândido Mota, há indícios de que a própria cana-de-açúcar poderá perder área em favor da expansão da plantação do milho. Grande parte da área já se encontra implantada e o restante, em preparo do solo, com o plantio se estendendo até o final de novembro.

A Região Sul, que detém a maior parte da produção nacional, prognostica aumento de área em 33,08%, atingindo 5 562 099 ha. O Estado do Paraná passa de 1 730 000 ha colhidos em 1986 para uma expectativa de plantio de 2 630 000 ha (+52,02%). Este aumento decorre, principalmente, do desestímulo dado para as culturas da soja e algodão, e também devido aos VBCs fixados para as culturas serem considerados pelos agricultores como satisfatórios. As condições de tempo durante este mês foram favoráveis tanto ao preparo do solo como a sementeira do milho, estimando-se que no final do período, aproximadamente 60% da área prevista já se encontra instalada. As variedades de sementes mais procuradas são as híbridas da Cargil, Agrocères, Pioneer, Dina, Germinal, já verificando-se a falta de cultivares preferenciais, e também sendo pouca a disponibilidade de cultivares de ciclo normal. As lavouras já instaladas, de um modo geral, apresentam um bom aspecto e atravessam os estágios de germinação (40%) e de desenvolvimento vegetativo (60%). Os trabalhos de plantio deverão ser bastante intensificados no decorrer do próximo mês, devendo se estender até o mês de dezembro.

Em Santa Catarina, a perspectiva de aumento é de 8,77%, alcançando 1 005 000 ha. A cultura do milho no Estado é, predominantemente, de pequena propriedade, sendo cultivada por aproximadamente 180 000 produtores, com grande parcela destinando o produto à criação de suínos e aves. Estima-se que 60% da produção é retida na propriedade para autoconsumo e alimentação do plantel de suínos. O restante é comercializado, sendo que a maior parte é requerida pelas indústrias para transformação em rações para aves. A cultura está em fase de plantio, estimando-se em 45% a área já plantada. As condições climáticas apresentam-se normais. Os fatores que influenciaram para o aumento de área são: maior consumo (suínos e aves), ocupação de áreas de soja (consorciada e simples), bom VBC, ocupação de terras sujeitas a invasões, estabelecimento de preços mínimos plurianuais, falta de concorrência de outros produtos em relação ao milho. Não há disponibilidade de fertilizantes, devido ao aumento na procura, que as indústrias não estão conseguindo atender. Não estão ocorrendo problemas com a disponibilidade de sementes.

No Rio Grande do Sul, estima-se crescimento de 26,33% na área, alcançando 1 927 099 ha. Esta expansão é resultado da substituição com o milho, em áreas que anteriormente eram cultivadas com soja. Por ser um produto de grande consumo a nível de estabelecimento, na alimentação animal, de suínos e aves, principalmente, associado à forte demanda da indústria de transformação, a área poderá até ser maior. O único problema que pode limitar esse incremento de área é a falta de semente, que mesmo sendo comercializada com preço elevado, provavelmente não será suficiente para atender à demanda.

A Região Centro-Oeste prognostica aumento de 25,88%, chegando a área a alcançar 1 725 956 ha.

Mato Grosso do Sul prevê incremento de 59,22% na área a ser cultivada no próximo ano, chegando a 260 000 ha se comparada com a área de cultivo em 1986, que ainda não está totalmente colhida. Como fatores de estímulo temos: níveis fixados para o VBC e para o preço mínimo, o mercado amplo e firme para o produto, além da maior margem de remuneração em comparação às culturas de soja e algodão.

Em Mato Grosso, o aumento deverá ser de 9,96%, ficando a área prevista com 302 956 ha. Tal acréscimo tem como razões: rotação de soja/milho; facilidade para aquisição de sementes; boa produtividade em áreas mecanizadas; VBC e preço mínimo razoáveis, se comparados com os da soja, e a maior aquisição efetuada no Estado pela CFP na safra de 1986. Os fatores limitantes a um maior acréscimo dessa área são: não existe tradição deste cultivo pelos produtores de soja; falta no mercado a plataforma da colheitadeira para o milho; não existem armazéns suficientes para toda a possível produção do milho; atraso na liberação dos custeios pela rede bancária, entre outros.

Em Goiás, o milho deverá ser a cultura com o maior percentual de crescimento (24,17%) nesta próxima safra, alcançando 1 150 000 ha. Os motivos mais citados pelos produtores e técnicos são: VBC compatível com os custos operacionais; maior rentabilidade em comparação com a soja; disponibilidade de crédito de custeio; e parcela de financiamento mais alta nas categorias de médio e grandes produtores. O maior avanço do milho dar-se-á nas regiões onde houve o predomínio da cultura de soja nas safras anteriores. É a primeira vez que a área prevista de milho, neste Estado, ultrapassa um milhão de hectares, e se aproxima da área de arroz de sequeiro, tradicionalmente, primeira cultura de Goiás, em área plantada. Esse recorde dependerá, naturalmente, de fatores como condições climáticas, disponibilidade de sementes certificadas, fertilizantes, armazéns para estocagem, crédito, entre outros.

No Distrito Federal, a inauguração de duas fábricas de ração, e a alta produtividade obtida com milho em áreas anteriormente cultivadas com a soja (5 anos), vêm estimulando os produtores. Cerca de 13 000 ha deverão ser plantados com o produto (+112,77%), sendo que em algumas áreas já iniciou-se o plantio. As híbridas da Cargill e Agrocerec são as preferidas pelos produtores.

12. SOJA (em grão)

Neste 1º prognóstico para a safra sojícola de 1987, no Centro-Sul, verifica-se que houve uma retração de 2,51% na área plantada ou a plantar, quando comparada com a colhida em 86, com este decréscimo, ela se situa em 8 840 134 ha.

Todas as Grandes Regiões, onde o produto é pesquisado apresentam decréscimos: na Sudeste menos 3,12%, na Sul menos 3,46% e na Centro-Oeste menos 0,49% em suas áreas plantadas.

Minas Gerais e Mato Grosso do Sul apresentam apenas pequenas modificações: menos 1,00% e menos 0,53%, respectivamente.

Os 5,03% de decréscimo na área plantada em São Paulo, passando-a para 452 000 ha, deve-se às recomendações governamentais (política agrícola), voltadas para a produção de produtos básicos (feijão, milho, arroz e mandioca), em detrimento aos produtos de exportação, onde se inclui esta leguminosa; também o mercado internacional mostra-se desanimador.

No Paraná, a área plantada em relação à colhida em 86, apresenta-se decrescida em 2,58%, ficando em 1 700 000 ha. Os fatores que contribuíram para esta queda foram os seguintes: baixos preços na safra passada, preço mínimo desestimulante e a política governamental voltada para os cultivos básicos, desestimulando os produtos exportáveis. As variedades mais procuradas são a Paraná, Davis, Bragg, Bossier, Viçosa, FT-1, IAS-5 etc., cujos preços oscilam entre Cz\$ 250/320,00 a saca de 50 kg.

Em Santa Catarina, a área plantada para 1987 está menor 5,36% que a colhida na safra passada, isto é, passou de 382 490 para 362 000 ha. Os fatores que ocasionaram esta diferença foram: preço mínimo idêntico ao da safra passada, baixo valor do financiamento para custeio, falta de financiamento para novas lavouras e a substituição por outros cultivos, milho principalmente. No momento as condições climáticas são favoráveis ao plantio.

Em decorrência da baixa cotação da soja brasileira no mercado internacional, e da orientação do governo para o plantio de produtos básicos (feijão, milho, arroz e mandioca), informamos que houve uma queda de 3,71% na área cultivada no Rio Grande do Sul, passando-a para 3 123 598 ha.

Mato Grosso informa nesta 1ª previsão para 1987, que está havendo falta de recursos na rede bancária para financiamento de custeio desta leguminosa. Também há enorme dificuldade para aquisição de fertilizantes, pois, está-se presenciando uma verdadeira "corrida" ao frete, que além do preço normal, o produtor só obtém o transporte quando paga uma taxa extra (ágio), quando consegue. Aqueles produtos que não receberam o financiamento, não levam o insumo à propriedade, pois, o frete é pago à vista. Com o exposto, caso não normalise a liberação de financiamentos, deverão ocorrer plantios sem aplicação de adubos, o que se refletirá no comportamento final da planta. Espera-se plantar uma área de 992 672 ha, maior 8,68%.

A cultura de soja em Goiás, pelo segundo ano consecutivo apresenta decréscimo em sua área plantada, agora de 13,16%, ficando em 540 000 ha. Os motivos são praticamente os mesmos que vêm causando a queda de ano para ano do plantio de algodão herbáceo: frustração na comercialização da safra anterior, limitação de crédito ao médio e grande produtor, alto custo dos insumos, baixo VBC e substituição pelo cultivo do milho. Mesmo com os problemas citados, plantar soja ainda é uma das opções de aproveitamento dos cerrados e chapadões de Goiás. Informamos também que a orientação técnica de rotação milho/soja/milho (gramínea/leguminosa/gramínea) vem produzindo bons resultados.

No Distrito Federal observa-se uma queda de 9,91% na área plantada, em virtude do baixo VBC (Valor Básico de Custeio), e da expectativa em torno do milho, ou seja, passou de 48 840 para 44 000 ha.

13. TOMATE

Prognostica-se para a safra de 1987, uma área a ser plantada de 33 088 ha, mostrando-se maior 2,66% que a colhida ou a colher na safra de 1986 (32 231 ha).

O acréscimo previsto é determinado por incremento em todas as Unidades da Federação pesquisadas, excetuando-se São Paulo (-0,14%) e Paraná (-2,34%).

Em nível de Grandes Regiões, a Sudeste apresenta um acréscimo de 1,92%, indo de 25 657 ha para 26 149 ha, a Sul passa de 4 793 para 5 123 ha (+6,89%) e a Centro-Oeste de 1 781 para 1 816 ha (+1,97%).

Para o Sudeste, tem-se em Minas Gerais um possível acréscimo de 10,32% na área a ser plantada, situando-se em 4 500 ha. Tal acréscimo é previsto em função dos últimos desempenhos apresentados pela lavoura, cuja área de 1986 ainda não foi totalmente colhida.

No Espírito Santo, o tomate é cultivado em 28 municípios e a área tende a se situar em 1 161 ha (+2,56%). A expansão deve-se a pequenos acréscimos de área em todas as regiões produtoras, além de incorporação de 20 ha no Município de Fundão.

Para o Rio de Janeiro prognostica-se um acréscimo de 2,71% em relação a 1986, passando de 2 470 para 2 537 ha. O acréscimo decorre do bom preço que vem sendo pago pela safra de 1986. Nesta lavoura, a assistência técnica é imprescindível, devido ao nível de tratamentos culturais determinados para o sucesso do cultivo. As variedades mais utilizadas são: Santo Antônio, Santa Cruz, Japonesa, Coração de Boacaina, Angela, Kada e Santa Clara.

Em São Paulo, os preços alcançados pelos produtores não têm sido estimulantes para o aumento da safra de 1987. A comercialização do produto envarado também deve influir na decisão dos tomaticultores. Dado ao elevado nível tecnológico empregado no setor, as produções se sucedem ao longo do ano, de modo que se torna difícil prognosticar no momento a área total a ser explorada. Por enquanto, calcula-se em 17 951 ha a área para 1987 (-0,14%).

Na Região Sul, enquanto o Paraná mostra uma redução de 2,34% na área, Santa Catarina e Rio Grande do Sul prognosticam aumentos de 0,07% e 14,59%, respectivamente.

No Paraná, as atividades de transplante de mudas tiveram prosseguimento no mês de outubro. O prognóstico é de que a área de cultivo alcance 1 000 ha.

Em Santa Catarina, o cultivo do tomateiro é possível em todas microrregiões, devido às características do clima do Estado, sendo que em determinadas regiões, este cultivo ocorre durante todos os meses do ano. Face ao exposto, não existe grande oscilação de áreas plantadas. A área para 1987 é prognosticada em 1 350 ha, maior 0,07% que a de 1986 (1 349 ha).

Para o Rio Grande do Sul, tem-se a possibilidade de cultivo de 2 773 ha, maior 14,59% que a área cultivada na safra de 1986. No Estado, as áreas cultivadas são pequenas, sendo conduzidas por famílias do produtor. Acredita-se que haja incremento de plantio de novas áreas no decorrer da safra.

Na Grande Região Centro-Oeste, a cultura não ocupa grandes áreas, face à falta de tradição desta lavoura. A área que em 1986 alcançou 1 781 ha é acrescida em 1,97%, prognosticando-se 1 816 ha para 1987.

Em Mato Grosso do Sul a área passa de 145 para 160 ha (+10,34%).

Para Mato Grosso as informações dão conta de uma área de 56 ha (+5,66%).

Em Goiás, maior produtor do Centro-Oeste, a área é praticamente a mesma, já que passa de 1 390 para 1 400 ha, dos quais 25% são plantados com tomate rasteiro.

No Distrito Federal, os três tipos: das águas, da seca e para uso industrial, determinam em seu todo 200 ha (+3,63%).